



Formação da construção *Xmente* *The formation of the construction *Xmente**

Júlia Langer de CAMPOS (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ)

Maria Maura CEZARIO (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ)

Karen Sampaio Braga ALONSO (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ)

RESUMO

*O objetivo principal do artigo é o de apresentar uma análise da formação da construção *Xmente* (como rapidamente e felizmente) no português. Para isso, levamos em conta os pressupostos teóricos da Linguística Centrada no Uso, sobretudo no que concerne ao modelo da construcionalização/mudança construcional, proposto por Traugott e Trousdale (2013), procurando explicar tanto a formação de novos pareamentos simbólicos de forma e função (novos signos em rede na língua) como as mudanças de diferentes ordens que possam ocorrer com as construções já formadas. Para verificarmos o aumento da produtividade e de esquematicidade da construção, analisamos, dentre outros fatores, a frequência de tipos de adjetivos que se combinam com *mente*, os tipos semânticos de verbos que são modificados pela construção *Xmente*.*

Palavras-chaves: *construção linguística; advérbio; mudança linguística; processos cognitivos.*

ABSTRACT

*The main objective of this paper is to analyze the formation of the construction *Xmente* (as in *rapidamente* 'quickly' and *felizmente* 'fortunately') in Portuguese. For this, we take into account the theoretical assumptions of the Usage-based Linguistics Model, concerning the theory of constructionalization/constructional changes, proposed by Traugott e Trousdale (2013), to explain both the formation of new symbolic pairings of form and meaning, new signs of a network in a language, and the changes of different types that can occur in the constructions already presented in this same language. In order to verify the increase in productivity and in schematicity of the construction, we analyzed, among other factors, the type frequency of the adjectives connected to *mente* and the semantic of the verbs which are modified by the construction *Xmente*.*

Key-words: *linguistic construction; adverb; linguistic change; cognitive processes.*

Introdução

O objetivo geral da pesquisa é explicar, com base nos pressupostos da Linguística Centrada no Uso, as mudanças morfossintáticas, pragmáticas e semânticas que levaram à formação do padrão *Xmente* (*rapidamente, felizmente, etc.*) no português, a partir da combinação *adjetivo + mente* no latim.

Assim, para darmos conta da formação da construção adverbial em questão, procuramos atingir os seguintes objetivos específicos:

- a) investigar a origem do padrão construcional *Xmente*, produtivo na maioria das línguas românicas para produção de advérbios, inicialmente, de valor qualitativo (ou seja, de modo);
- b) explicar os mecanismos de mudança linguística que envolvem o desaparecimento de certos processos formadores de advérbios qualitativos da língua latina, em prol do padrão adverbial formado pelo contexto *adjetivo + mente*;
- c) demonstrar como o contexto *adjetivo + mente* possibilitou a criação do padrão mais abstrato, mais geral, na língua: *Xmente*;

- d) demonstrar que o padrão *Xmente* surgiu no latim vulgar e se tornou produtivo como formador de advérbios de modo;
- e) evidenciar o papel da frequência na mudança linguística (Bybee, 2003; 2010);
- f) relacionar os processos de mudanças envolvidos no fenômeno em questão com os processos cognitivos do domínio geral, sobretudo o *chunking*, analogia e categorização (como mostraremos na próxima seção), de acordo com Bybee (2010).

Para a coleta dos dados, utilizamos duas sincronias do latim e uma do português: latim clássico (LC), latim medieval (LM) e português arcaico (PA). Nesta última sincronia, selecionamos apenas o texto de cunho religioso *Orto do Esposo* (OE), enquanto, para as sincronias do latim, selecionamos diversos textos disponíveis *online*.

1. A Linguística Centrada no Uso

Linguística Centrada no Uso ou *Linguística Funcional Centrada no Uso*¹ é um termo utilizado para designar um conjunto de modelos teórico-metodológicos que apresentam algumas semelhanças entre si e se opõem à visão formalista do modelo de gramática gerativa. Dentre as semelhanças, está o fato de se considerar a língua em situação real de comunicação como base para a análise linguística, bem como a visão de que as línguas têm aspecto mutatório, isto é, estão susceptíveis a mudanças advindas de fatores de ordem comunicativa, focando em aspectos semânticos, pragmáticos, cognitivos, funcionais, sociais e culturais para explicar as estruturas das línguas.

Inicialmente, o termo *Linguística Centrada no Uso* surgiu como a tradução livre de *Usage-based Model*, utilizado por Langacker (1987), a fim de se referir a modelos teóricos que privilegiam a análise do uso linguístico. Hoje, este termo é utilizado por autores como Tomasello, Hopper, Traugott, Bybee e outros para se referir a um modelo que tem

1. Este último rótulo tem sido muito usado por linguistas brasileiros, como Mariangela Rios de Oliveira e Ivo do Rosário (2015).

como precursores estudos desenvolvidos sobretudo pela Linguística Funcionalista, Linguística de Corpus e Gramática de Construções.

Em linhas gerais, este modelo nos mostra que, se queremos entender o funcionamento da linguagem humana, precisamos levar em conta aspectos de cunho cognitivo e comunicativo, atuantes no uso da língua. A gramática de uma língua é dependente do seu uso concreto, pois, no momento da interação, o falante faz adaptações na estrutura linguística, a fim de atingir seus propósitos comunicativos. De acordo com Martelotta (2008), a gramática seria “o resultado de um conjunto de princípios dinâmicos que se associam a rotinas cognitivas e interativas moldadas, mantidas e modificadas pelo uso” (p. 63).

Bybee (2006, 2010) chama atenção para o papel da frequência dentro dessa teoria e destaca que este fator é crucial para a estrutura e funcionamento do sistema. A rotinização de padrões linguísticos permite que, cognitivamente, determinada estrutura se torne mais acessível na mente do falante, fazendo o sistema mais susceptível à criação de novas estruturas. Uma vez que a frequência de um padrão de uso específico é entendida tanto como modeladora, quanto resultante do sistema, ela torna-se indispensável para a análise linguística

Nesse sentido, o modelo baseado no uso parte de uma visão na qual unidades linguísticas são vistas como rotinas cognitivas, isto é, padrões recorrentes de ativação mental, o que só pode ser entendido através de uma lógica conexionista (cf. Barlow e Kemmer, 2000). Portanto, as diversas habilidades cognitivas humanas – como memória, atenção, capacidade de reconhecer padrões, experiência, organização, acesso, conexão e outras – se unem em prol de determinado objetivo².

As línguas são formadas por construções, que são, de acordo com Golberg (1995), pareamentos simbólicos de forma e função, e as construções estão ligadas umas às outras formal e semanticamente. Neste sentido, a língua é concebida como uma rede construções. Diacronicamente falando, as construções são formadas a partir de outras construções e a partir da atuação de processos cognitivos gerais, tais como analogia, *chunking* e categorização (cf. Item 1.3)

2. Associa-se à ótica conexionista a noção de Gestalt (Koffka, 1935).

1.1. *Mudança Linguística*

O fenômeno abordado nesta pesquisa enquadra-se nos estudos de mudança linguística, mais especificamente, nos estudos de mudanças que ocorrem na formação de nova construção. Traugott e Trousdale (2013) consideram a existência de dois tipos básicos de mudanças relacionadas às construções. Há a mudança que leva à formação de uma construção nova na língua, ou seja, um novo signo é formado, pois há uma nova relação entre estrutura e função. Trata-se neste caso de uma *construcionalização*. Ou podem ocorrer mudanças num dos planos: ou o formal ou o semântico-pragmático. Neste caso, quando ou se muda a forma ou se muda o conteúdo, temos o que os autores chamam de *mudanças construcionais*.

Essa visão é diferente da visão de gramaticalização, que concebe a mudança como sendo unidirecional, partindo de itens menos gramaticais para mais gramaticais. Hoje os estudos de mudança linguística na área da Linguística Centrada no Uso procuram dar conta da formação de construções, sendo elas menos esquemáticas (quando são preenchidas com material fônico), intermediárias (com uma parte sempre preenchida e uma parte sendo lacuna, como *Xmente*) ou mais esquemáticas (com apenas lacunas, como uma construção SVO ou Aux V). As mudanças acontecem a partir de uma série de micro-passos de mudanças de forma e função.

Essa visão substituiria a visão de mudança morfossintática como sendo a mudança de um elemento menos gramatical para mais gramatical, como é a visão do modelo da gramaticalização, pois o que está em jogo é a formação de uma construção em rede na língua, incluindo também a formação de uma construção esquemática, o que não estava previsto no modelo anterior. Quando uma construção é formada, o paradigma de uma classe é ampliado. Assim, nesta pesquisa, temos como objeto a formação de uma construção, que deve ter surgido no latim vulgar e, conforme veremos aqui, teve sua produtividade ampliada no português (assim como em outras línguas neolatinas).

Para dar conta do estudo da formação de uma construção, o linguista deve observar a produtividade (necessidade de se observar a frequência de tipo) dos elementos que compõem a construção original, o grau de composicionalidade (previsibilidade ou não previsibilidade

dos sentidos das partes) e analisabilidade (reconhecimento ou não dos morfemas da construção), conforme nos mostram os trabalhos de Bybee (2010) e Traugott e Trausdale (2013).

Com relação ao objeto de estudo desta pesquisa, a análise nos permite dizer que a mudança envolveu perda da liberdade sintática das formas adjetivo e *mente*, perda de composicionalidade e, como resultado final, perda da analisabilidade, a ponto de não se poder mais dizer que são duas palavras, mas apenas uma forma com radical e sufixo formador de advérbio.

Os estudos relativos à formação de construções com papel gramatical demonstram que geralmente ocorre aumento do número de elementos que podem preencher uma lacuna, perda da composicionalidade e integração das formas. Sendo assim, se olharmos para o contexto morfossintático em que o item *mente* se tornou sufixo, perceberemos que, desde o latim, este elemento era parte integrante de um esquema ainda maior, isto é, era modificado por um adjetivo gerando valor semântico qualitativo. Inicialmente, os adjetivos que modificavam esse substantivo estavam em concordância semântica com o item *mente*: intelecto, pensamento, atividade psíquica, etc. Desta forma, *adjetivo + substantivo mente* formavam um sintagma nominal. Exemplos: Sana mente (L.C.), Com a mente sã'; Impia mente (L.C.) 'com a mente perversa'; Quieta mente consistere (L. C.) 'Manter-se com a mente quieta'.

Num período posterior da língua latina (latim medieval), pudemos observar que novos adjetivos, não esperados nesse contexto, passam a figurar na construção, e não somente aqueles mais relacionados à noção de atividade mental, pensamento. Dizemos, então, que houve a extensão da classe hospedeira (*host-class*), isto é, o aumento de adjetivos que podem figurar na posição X, fato que, conseqüentemente, aumenta o nível de produtividade da construção.

1.2. Processos cognitivos do domínio geral atuantes na formação de construções

Segundo Bybee (2010), a linguagem é fruto de processos cognitivos de domínio geral: utilizamos capacidades humanas gerais, como a

capacidade de reconhecer padrões, associar seres e/ou comportamentos similares, fazer coisas de forma automática e muitos outros recursos humanos, a favor da linguagem. Dessa forma, podemos dizer que fenômenos estruturais da língua derivam de processos cognitivos. Bybee lista alguns processos cognitivos gerais, dentre os quais estão a categorização e o *chunking*³. Entende-se por categorização a similaridade ou identidade que ocorre quando palavras e sintagmas, bem como suas partes, são reconhecidas e comparadas a representações já armazenadas na memória. O resultado disso são categorias que atuam como a base do sistema linguístico. O *Chunking* é o processo segundo o qual sequências que são usadas juntas tendem a formar uma unidade complexa. Na linguagem, este processo cognitivo dá conta de unidades tais como construções e expressões idiomáticas, por exemplo. Assim, sequências que são utilizadas juntas com alta frequência tendem a ser acessadas como uma única unidade.

De acordo com os objetivos deste artigo, *chunking* é importante, pois, num primeiro momento da análise do contexto morfossintático da construção *adjetivo + mente*, ou seja, no latim clássico e no latim medieval, esses elementos designavam dois referentes cognitivos. Devido à grande frequência de ocorrência desta estrutura na língua, criou-se na mente do falante um padrão de uso (*type*) que é reforçado a cada vez que esta estrutura é utilizada (*token*). Logo, cada vez que ouvimos esses elementos juntos, acessamos este padrão como um todo e não mais como dois referentes distintos. Há, portanto, a fusão fonológica dos elementos adjetivo + mente.

A hipótese de Bybee (2010) é a de que “membros mais frequentes servem como membros centrais de uma categoria, e, então, novas expressões tendem a ser formadas por analogia ao membro mais frequente⁴” (2010:81). Essa hipótese está sendo usada por nós com o objetivo de verificar qual adjetivo mais frequente figurava na construção *Xmente* em sincronias do latim. Assim, podemos verificar a rede de relação

3. Preferimos manter o termo em inglês, porque não conseguimos achar uma tradução que pudesse expressar fielmente este conceito.

4. Tradução livre de: “the more frequent member serves as the central member of the category and that new expressions tend to be formed by analogy with the more frequent member” (2010: 81)

semântica entre este elemento mais frequente e todos os demais adjetivos que figuravam na lacuna X da construção e compreender que, uma vez formada a construção a partir de um padrão iniciado por membros mais frequentes, novos adjetivos puderam ser, por analogia, inseridos na posição X. Assim nossa análise nos permite verificar qual adjetivo desencadeou o processo de categorização na construção *Xmente*. Em outras palavras, pudemos verificar, com a análise, qual elemento atraiu outros para o da construção *Xmente*.

2. Considerações a respeito do latim

Segundo a *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, de Said Ali (1971), a formação de advérbio em *-mente* é considerada desconhecida no latim literário. Nas palavras de Said Ali (1971: 183):

“Enriqueceram-se estas (línguas românicas) todavia com algumas formações desconhecidas do latim literário (...) Esta terminação nada mais é do que o ablativo do latim *mens*, v.g. em *bona mente*. Por algumas locuções deste tipo se modelaram outras muitas, acabando por obliterar-se a significação primitiva do substantivo e passando este a valer tanto como um sufixo derivativo”.

Segundo Ismael Coutinho, em sua *Gramática Histórica* (1976), os advérbios em português derivaram do latim e a língua falada (latim vulgar) costumava formar locuções com valor adverbial, como: *ab + ante > avante*, *ad + trans > atrás*, *ad + sic > assi* (arc.), *assim*. Outra informação importante para o presente estudo é a de que as desinências e sufixos que formavam advérbios de modo no latim clássico não passaram ao latim vulgar, tais como: *-(i)ter*, *-e*, *-o*. Os advérbios de modo atestados pelas gramáticas latinas e encontrados em textos do latim escrito (clássico e medieval) são formados por uma base adjetiva, acrescida dessas desinências e sufixos adverbiais, que são definidos de acordo com a classe do adjetivo. Assim se cria uma nova palavra, da classe dos advérbios, com valor qualitativo.

Ernesto Faria (1995), na *Gramática da Língua Latina*, apresenta as seguintes formações para os advérbios qualitativos no latim: 1) adjetivos da primeira classe geralmente derivam advérbios terminados

em *-e/ -o*: *iustus*, *-a*, *-um*: *iuste* (justamente); *certus*, *-a*, *-um*: *certo* (certamente); 2) Adjetivos da segunda classe geralmente derivam advérbios terminados em *-ter*⁵: *breuis*, *-e*: *breuiter* (brevemente); *amabilis*, *-e*: *amabiliter* (amavelmente). O gramático atesta também que há advérbios de modo advindos de substantivos, formados pelos sufixos *-atim* e *-itus*. Exemplos: *caterua*: *cateruatim* (aos bandos); *gradus*: *gradatim* (gradativamente).

2.1. O advento da formação em *-mente*

Maurer Junior (1959), em sua *Gramática do Latim Vulgar*, afirma que eram comuns em textos do latim cristão (eclesiástico) expressões formadas com o ablativo *mente*, mas que ainda preservavam a semântica de “sentimento”, “intenção” com que se pratica um ato⁶.

No entanto, a contribuição mais interessante e mais profunda é a de Bruno Bassetto, em *Elementos de Filologia Românica: História Interna das Línguas Românicas* (2001). O autor postula que a circunstância expressa pelos advérbios pode ser substituída por um adjetivo ou por um substantivo com preposição. Em latim, essa substituição podia ser feita por substantivos no caso ablativo (porque este caso designava função sintática de adjunto adverbial). Ex: Caesar *magnanimitate* erga captivos egit. “César agiu *com grande magnanimidade (magnanimamente)* em relação aos prisioneiros”. Ou por adjetivos na forma neutra. Ex: Ubique *cautum* respexit. “Olhou *cautelosamente* para todos os lados”.

De acordo com Bassetto (2000), “o caráter adverbial das expressões latinas originou advérbios já no latim: *hoc die* (neste dia) > *hodie* (port. *hoje*, cast. *hoy*, cat. *avuy*, prov. *uei*, fr. *hui*, it. *oggi*, etc.); *quo modo* (de que modo) > *quomodo* (port. cast). *como*, prov. *com*, cat. *coum*, fr. *com* (*e*), it. *come*, etc.” (2008: 316). Ele afirma também que

5. Segundo Ernesto Faria (1995) “a divisão em advérbios derivados da primeira classe de adjetivos em *-e* e da segunda em *-ter*; não é absolutamente rígida. (...) Ex: *opulentus*, *-a*, *-um* (*opulenter*/opulentamente); *uiolentus*, *-a*, *-um* (*uiolenter*/violentamente); *facilis*, *-e* (*facile*/facilmente); *impunis*, *-e* (*impune*/impunemente)” (1995: 211).

6. Tanto o presente trabalho, quanto um anterior (Martelotta e Campos, 2010) mostram que essas expressões não ocorriam apenas no latim eclesiástico, mas desde o latim clássico, porém com significação literal das partes que compõem o Sadj, ex. *Sagaci mente* locarunt (Falem *com a mente sagaz*).

várias dessas expressões ablativas transformaram-se em advérbios no latim tardio e nas línguas românicas, como, por exemplo, *hac hora* > *agora* (port.). Ressalta-se, ainda, que o próprio latim formou grande número de advérbios, conferindo valor adverbial a certos adjetivos no nominativo, acusativo e, principalmente, no ablativo: *certo*, *contínuo*, *mérito*, *necessário*, *fortuito*, *súbito*, etc. Outros ainda se formaram pela justaposição ou contração de preposições com nomes, como, por exemplo, *adhuc*, *admodum*, *extemplo*, *imprimis*, etc.

Além dessas possibilidades de formação de advérbios de modo postuladas pelas Gramáticas Latinas, havia também a formação mediante um substantivo e um adjetivo no *ablativus modi*. Havia na língua latina diversos substantivos que, modificados por adjetivos, designavam semântica de modo, como, por exemplo, os substantivos *genere* (tipo, espécie), *itinere* (caminho), *modo* (maneira), *more* (costume), *opere* (trabalho), dentre muitos outros. Esses substantivos podiam se combinar com adjetivos resultando num valor adverbial, como em *miseris modis* (Plauto). O substantivo *modo*, por exemplo, parecia se enquadrar facilmente no caso, pois, devido à sua ampla gama semântica, adequava-se à significação do adjetivo, como, por exemplo, *bono modo* (honestamente), *civilli modo* (civilizadamente), *humano modo* (humanamente).

Segundo Bassetto (2000), *mente* substituiu *modo* nesses casos, por ser mais produtivo: “o ablativo *mente*, de *mens*, *mentis*, de caráter mais psicológico, denotando intenção ou sentimento, mas já em uso ablativo, indicando aspectos circunstanciais: *obstinata mente* perfer (Catulo, 8, 11) ‘Suporta obstinadamente’ (2008: 319).

Karlsson (1981) demonstra que, no latim tardio⁷, a liberdade sintática entre os elementos começa a se tornar mais reduzida; a gama de adjetivos se expande para além dos que designam estado mental; a posição do substantivo *mente* passa a se tornar mais fixa, após o adjetivo e outras palavras (identificadas como X no presente artigo) não podem mais intervir na expressão. O conteúdo lexical de *mente* em algumas expressões começa progressivamente a ser enfraquecido e a se aproximar cada vez mais de *modo*, *maneira*. Segundo o autor, a partir

7. Pode ser chamado também de latim medieval.

do século VIII, com o surgimento das línguas românicas, estabeleceu-se a redução completa de *mente* a sufixo adverbial.

Mente, portanto, foi um forte candidato e então vencedor da longa corrida pela substituição das desinências adverbiais *-e* e *-iter* na formação de advérbios no latim. Segundo Karlson (1981), *mente* foi escolhido por apresentar diversas “vantagens”, as quais serão descritas a seguir.

A construção perifrástica com *mente* podia estar acoplada a um advérbio simples, como em *leniter et mente tranquilla* (calma e tranquilamente). Além disso, *mente* tornou-se sufixo, segundo o autor, porque se parecia muito com outro sufixo já produtivo no latim, *-mentum*, usado para substantivos derivados de verbos, como em *ornamentum* (ornamento). De acordo com a análise de Karlson, o que finalmente foi crucial para *mente* substituir as desinências e sufixos foi o fato de terminar com essa mesma vogal que a desinência adverbial *-e*.

De acordo com os resultados da pesquisa desenvolvida pelo autor, essa construção em que *mente* é um elemento quase sufixal, surgiu já no latim clássico. A construção *tota mente*, por exemplo, é particularmente boa para converter *mente* a um sufixo, já que *totus* (todo, inteiro) não é um adjetivo confiável a descrever pessoas ou estados mentais, ao contrário de *alienatus* (louco) ou *pravus* (distorcido, perverso), por exemplo. Então, *tota mente* poderia facilmente circular no sentido de *com a mente toda, completamente, totalmente*.

3. A formação da construção *Xmente*

Coletamos e analisamos dados de amostras de duas sincronias do latim e uma sincronia do português: latim clássico (LC), latim medieval (LM) e português arcaico (PA). Nesta última sincronia, selecionamos apenas o texto de cunho religioso *Orto do Esposo* (OE), enquanto, no latim, trabalhamos com textos variados, de diferentes autores e temáticas, com o objetivo principal de mostrar a produtividade dessa construção nessas sincronias, bem como avaliar o contexto de uso da estrutura *adjetivo+mente*. Para a coleta dos dados em latim (clássico e medieval), consultamos diversos textos disponíveis *online* em bibliote-

cas latinas⁸, assim como trabalhamos com dados do anexo do trabalho desenvolvido por Karlsson (1981).

Consideramos o período Clássico a fase que vai do século I a.C ao século I d.C e consideramos o período Medieval a fase de uso do latim após a queda do Império Romano. Para dividir os períodos *clássico* e *medieval* da língua latina, estamos considerando o ponto de vista do auge à decadência do Império Romano, em que o período Clássico da língua vai do século I a.C. ao século I d.C, e o Medieval, basicamente, refere-se a toda produção na língua latina após a queda do Império Romano. Quanto ao português, como já dito, foi utilizado o livro *Orto do Esposo*, provavelmente escrito no século XIV ou XV, período considerado como arcaico da Língua Portuguesa.

Analisamos os dados tendo em vista os seguintes objetivos específicos: a) determinar o *tipo semântico de adjetivo* que modifica o substantivo *mente* na construção em análise; b) apresentar o *grau de fixidez da construção* através da observação da ordem dos seus elementos formadores; c) determinar os *tipos de verbo* (classificação de Scheibman, 2001) que se relacionam à construção; d) por fim, verificar a *frequência de ocorrência* dos adjetivos envolvidos na construção.

Em relação aos advérbios em *-mente* coletados no português arcaico, consideramos como dados para esta pesquisa apenas os que funcionavam com valor semântico qualitativo, observando nesses advérbios o tipo de adjetivo da base, isto é, analisamos apenas o fator *Tipo semântico de Adjetivo*, com o intuito de verificarmos se na construcionalização houve alguma variação do tipo semântico de adjetivo que figura na posição X.

Coletamos 136 ocorrências em textos do Latim Clássico, 136 do Latim Medieval e 136 do Português Arcaico, a fim de identificarmos a influência de cada um dos fatores em análise para a formação do padrão adverbial *Xmente*, produtivo na maioria das línguas românicas. Para isso, optamos por manter iguais os números de ocorrência por sincronia, por concebermos que, desta forma, chegaríamos a resultados qualitativos mais eficazes acerca da análise das variáveis em cada uma das fases supracitadas.

3.1. Tipos semânticos de adjetivos

Partimos de um critério semântico para a classificação dos adjetivos que combinam com a forma *mente*, com base numa descrição feita por Sales (2004), que considera a existência de dois tipos de adjetivos: os descritivos ou os avaliativos. São considerados *avaliativos* aqueles que atribuem qualidades passíveis de contestação, por apresentarem um carácter mais subjetivo, como, por exemplo: *devota* (devota), *quieta* (quieta), e *tranquila* (tranquila). Foram chamados de *descritivos* aqueles que atribuem qualidades de forma mais objetivamente verificável, como *tota* (total), *firma* (firme), *aequali* (igual), etc.

Partimos da hipótese de que os adjetivos avaliativos ocorrem mais do que os descritivos em ambas as sincronias do latim, pois estão mais compatíveis com a semântica inicial do substantivo *mente*: atividade psíquica, mental; alma; espírito; intenção. São exemplos retirados do amostra:

(1) “Theseu, toto animo, tota pendebat **perdita** mente.” (L.C/ avaliativo) ‘Teseu estava inquieto, *com a mente desesperada*.’

(2) “Cum ergo uterque exercitus dúbio esset statu, et de Victoria altrinsecus **tota** mente quaereretur” (L.M/ descritivo). ‘Visto, pois, que um e outro exército estivesse com atitude duvidosa, então de ambos os lados se informaram sobre a Vitória *com a mente completa*.’

Observemos a tabela 1 com os resultados da análise deste fator:

Tabela 1 – Distribuição dos dados pelos diferentes tipos semânticos de adjetivos

LATIM CLÁSSICO			LATIM MEDIEVAL			PORTUGÊS ARCAICO		
Adjetivos	No.	%	Adjetivos	No.	%	Adjetivos	No.	%
Avaliativo	78	57,3	Avaliativo	103	75,8	Avaliativo	65	47,8
Descritivo	58	42,6	Descritivo	33	24,2	Descritivo	71	52,2
Total	136	100	Total	136	100	Total	136	100

Pelos resultados expostos na tabela, percebemos que, em ambas as sincronias do latim, o número de adjetivos do tipo avaliativo foi superior ao descritivo, como já era previsto por uma das hipóteses desta pesquisa, pois, no latim, como o item *mente* é substantivo mo-

dificado por um adjetivo, há a necessidade de ambos os elementos serem compatíveis semanticamente. Uma vez que *mente* significa cabeça, atividade mental, alma, espírito, os adjetivos que o modificam devem estar relacionados a uma rede semântica mais ligada à intenção do falante, à opinião dele. Por isso, há mais adjetivos avaliativos que descritivos nestas sincronias.

Inicialmente, postulamos que a construção no latim clássico estaria em um estágio ainda mais composicional que no latim medieval, período posterior da língua latina, e por isso deveria apresentar mais adjetivos compatíveis semanticamente com o substantivo *mente* que a sincronia seguinte (medieval). Sendo assim, esperávamos mais ocorrências de adjetivos avaliativos no latim clássico que no latim medieval. Observando os percentuais das tabelas 1 e 2, vemos exatamente o oposto disso, pois, no latim medieval, há um crescimento de 18,5% de adjetivos avaliativos comparados ao clássico e a redução de 18,4% de descritivos. Esses números vão contra nossa hipótese inicial, no entanto não invalidam nossa hipótese de que, nas sincronias do latim, tenham mais adjetivos avaliativos que descritivos, porque nesses períodos a construção ainda apresenta caráter composicional e menos esquemática.

Ao analisarmos os dados correspondentes ao português arcaico, vemos que o número de adjetivos descritivos passa a ser um pouco superior aos avaliativos⁹. Interpretamos este fato como uma consequência da construcionalização que, neste momento, já atingiu o seu nível mais abstrato, uma vez que não há composicionalidade dos elementos, isto é, o sentido da construção não é a soma das partes que a compõem. Da mesma forma, o falante da língua, em estado sincrônico, também não recupera esta composicionalidade. Este fato é interessante nesta sincronia, pois o aumento do número de elementos que podem preencher o *slot* de uma construção é uma das características desse tipo formação de construções. Em outras palavras, a construção passa a aceitar na posição *X* elementos de outra natureza semântica. No caso da construção qualitativa *Xmente*, não importa qual adjetivo entre na posição *X*, pois, a partir do momento que ele está na construção, ganha

9. Reconhecemos que 4,4% não é muito relevante estatisticamente. No entanto, quando lidamos com dados tão escassos, como no latim, por exemplo, cada ocorrência possui um papel muito importante dentro da análise.

semântica de “maneira como se realiza a atividade verbal” e não mais “a maneira como a sua mente/ cabeça está quando realiza uma ação”, como ocorria nas sincronias do latim.

No português arcaico, a construção *Xmente* representa um estágio mais avançado da integração dos elementos (univerbação dos elementos formadores, perda de *status* independente, extensão de contexto de uso, perda de conteúdo semântico, etc), o que nos permite interpretar que por isso tenha mais adjetivos descritivos que avaliativos figurando na posição X da construção, conferindo-lhe um caráter mais abstrato e menos composicional.

3.2. Tipo de verbo

Procuramos observar os tipos de verbos que são modificados pela construção. Nesse sentido, utilizamos a classificação de verbos apresentada em Scheibman (2001). Vejamos, portanto, seis tipos de verbos propostos por Scheibman (2001), ilustrados com exemplos da nossa amostra:

a) Verbos **de cognição**: indicam atividade cognitiva (saber, pensar, lembrar, etc.).

(3) “sede o diuinius ipsa *sompniat* archana rerum celique profunda mente Plato” (L.M) ‘Platão mais profeticamente *imagina* as mesmas arquiteturas das coisas e do céu *com a mente profunda*.’

b) Verbos de **sentimento**: indicam emoção e desejo (gostar, querer, amar, sentir, precisar, etc.).

(4) “*Diliges* dominum deum tuum ex toto corde tuo, et ex *totamente* tua, et ex tota anima tua” (L.Eclesiástico) ‘*Ama* teu Deus de todo teu coração, de *toda sua mente* e de toda sua alma.’

c) Verbos **materiais**: indicam ocorrência e ações concretas e abstratas (fazer, ir, ensinar, trabalhar, usar, brincar, etc.)

(5) “campisque ducentos agricolas captos *furibunda mente trucidat*.” (L.M) ‘*Trucida* duzentos escravos agrícolas nos campos *com a mente furiosa*.’

d) Verbos de **percepção**: indicam sensações, atenção (olhar, ver, escutar, encontrar, notar, etc.).

(6) “Terrarum motus, mugitumfulminis, iras oceani, uentorum *mente fideli conspicit*” (L.M) ‘**Observa** a movimentação das terras, o barulho do raio, a ira do oceano, a luta dos ventos *com a mente fiel.*’

e) Verbos **relacionais**- indicam processo de ser (ser, tornar-se, parecer, etc.).

(7) “Si deus *est* animus, hic tibi praecipue *sit pura mente colendus.*” (L.M) ‘Se Deus *é* espírito, este deve **ser cultuado**, primeiramente, *com a mente pura.*’

f) Verbos de **crença**: eles expressam a crença do sujeito em relação a algo do mundo real (acreditar, crer, confiar).

(8) “eum in caelo et in terra regnantem *recta mente et fide credidissent.*” (L.M) ‘**acreditassem** *com a mente reta e fiel* que ele reina no céu e na terra.’

Partimos da hipótese defendida por Martelotta (2004) de que os advérbios qualitativos tendem a se relacionar mais efetivamente a verbos materiais, porque estes dão conta do mundo sócio-cognitivo dos falantes demonstrando a maneira como essas ações são realizadas no dia-a-dia. Devido ao fato de a construção *adjetivo + mente*, no latim, apresentar um comportamento morfossintático parecido com os advérbios qualitativos, defendemos a hipótese de que a maior parte dos verbos relacionados a essa construção sejam, também, materiais.

Tabela 2 – Tipos de verbos modificados pela construção.

LATIM CLÁSSICO			LATIM MEDIEVAL			PORTUGÊS ARCAICO		
Verbos	No.	%	Verbos	No.	%	Verbos	No.	%
Material	105	77,2	Material	110	80,9	Material	80	58,8
At.Verbal	9	6,7	At.Verbal	4	2,9	At.Verbal	24	17,6
Cognição	7	5,1	Cognição	7	5,2	Cognição	3	2,2
Percepção	7	5,1	Percepção	6	4,4	Percepção	10	7,4
Crença	5	3,7	Crença	3	2,2	Crença	5	3,7
Sentimento	2	1,5	Sentimento	3	2,2	Sentimento	6	4,4
Relacional	1	0,7	Relacional	3	2,2	Relacional	8	5,9
Total	136	100	Total	136	100	Total	136	100

Como podemos ver nos resultados dessa tabela, a grande maioria dos verbos que se relacionam à construção são materiais, ou seja, verbos que expressam ações concretas e abstratas no cotidiano do falante; o que está de acordo com a nossa hipótese, de que essa construção, por apresentar um comportamento bastante semelhante aos advérbios qualitativos, tenderia a modificar verbos materiais, em maior número. Vemos também nesta amostra verbos de percepção e cognição; são verbos de atividade mais mental, o que também é esperado que ocorra neste tipo de construção. O número de ocorrências destes verbos é praticamente igual em cada sincronia do latim. Verificamos também que, no L.C, o segundo tipo de verbo que mais ocorre é o de atividade verbal. Em alguns casos, foi difícil a classificação verbal, como vemos no exemplo a seguir:

(9) *Mente capta... vaticinari* (L.C.) '*Profetizares* com a mente capturada'

Neste exemplo, podemos interpretar a ação expressa pelo verbo como sendo feita ou proferida verbalmente, o que configuraria um tipo "de atividade verbal" ou como uma ação desenvolvida individualmente, apenas na mente do falante, isto é, um verbo de atividade cognitiva.

Em relação ao português arcaico, é interessante ressaltar que houve um aumento de uso da construção relacionada a verbos de atividade verbal, ao passo que diminuí verbos de valor material, ao compararmos com os usos do latim. Isso significa que se torna relevante o modo como se expressa algo verbalmente. Observamos também o aumento de ocorrência de outros tipos de verbos, como os de percepção, de sentimento e relacional. No contexto de uso inicial da construção (no latim clássico e medieval), os verbos materiais ocorriam entre 77,2% e 80,9% dos dados. Com o passar do tempo, no português arcaico, há uma maior distribuição dos tipos verbais relacionados à construção *Xmente*, o que demonstra o aumento de produtividade de uso dessa construção.

3.3. Ordenação dos elementos na construção¹⁰

Foram analisadas seis ordenações básicas, considerando adjetivos e o substantivo *mente*, a fim de se observar a posição dos elementos e o grau de fixidez destes na construção:

- a) Adjetivo + mente
- b) Mente + adjetivo
- c) Adjetivo Δ mente¹¹
- d) Mente Δ adjetivo
- e) Adjetivo Mente Adjetivo
- f) Mente Adjetivo Adjetivo

O fator *ordenação dos elementos* no sintagma adjetival é de grande importância para a análise da formação da construção *Xmente*, uma vez que um dos seus elementos formadores, o substantivo *mente*, torna-se um sufixo e, por isso, deve ocorrer imediatamente após o adjetivo. Por isso, defendemos a hipótese de que a maior parte dos dados deva apresentar a ordenação descrita em *a* (Adj mente), pois é este o contexto em que a nova construção começa a ser formada e a partir do qual se criou o padrão geral *Xmente*.

Esta hipótese relaciona-se ao conceito de *chunk*, proposto por Bybee (2010): unidades linguísticas frequentemente utilizadas juntas criam na mente do falante um único referente cognitivo, que é acessado como um único bloco toda vez que a mesma estrutura é mencionada. Observaremos, portanto, o grau de fixidez dos elementos na construção sempre guiados por esse raciocínio teórico. Consideramos que dois *chunks* (adjetivo + mente) foram se intergrando a ponto de formar um único *chunk*. Assim é de se esperar que a integração comece nos casos em que não há elementos interveniente (cujo símbolo aqui é Δ) e na ordem mais frequente.

Vejamos os resultados desta análise na tabela a seguir:

10. Não analisamos este fator no português arcaico, pois, nesta fase, a construção com valor adverbial já se encontra totalmente formada, com as posições dos elementos já fixadas.

11. Consideramos elemento “ Δ ” qualquer classe de palavra que não seja a conjunção *e* (em latim *et, atque*), visto que esta conjunção também é aceita no processo de formação de advérbios em *-mente*.

Tabela 3 – Estruturas com adjetivo e mente

LATIM CLÁSSICO			LATIM MEDIEVAL		
Posição	No.	%	Posição	No.	%
Adj mente	78	57,4	Adj mente	90	66,1
Mente adj.	11	8,0	Mente adj.	29	21,3
Adj. Δ mente	43	31,6	Adj. Δ mente	14	10,2
Mente Δ adj	2	1,5	Mente Δ adj	1	0,8
Adj mente adj	2	1,5	Adj mente adj	1	0,8
Mente adj adj	-	-	Mente adj adj	1	0,8
Total	136	100	Total	136	100

Observando a tabela, vemos que a ordenação mais frequente em ambos os períodos do latim é aquela que atende à nossa expectativa inicial: o item *mente* segue imediatamente o adjetivo (a ordenação descrita em *a*). Podemos ver também que, no primeiro período do latim estudado, o Latim clássico, há uma maior ocorrência de estruturas que apresentam o elemento X (ordenações *c* e *d*), sobretudo quando este ocorre entre o adjetivo e o item *mente*. Representa 31,6% dos dados a ordenação descrita em *c*, e 1,5% a ordenação descrita em *d*. No Latim medieval, no entanto, essas ordenações não apresentam valores significativos: são apenas 0,8% dos dados, isto é, apenas 1 ocorrência de cada uma em toda a amostra medieval. Neste período, os elementos mais relevantes para a construção estudada, *adjetivo* e *mente*, estão mais próximos cognitivamente e linguisticamente. Este fato permite-nos dizer que o L.C. apresenta ordenações mais “livres” comparadas ao L.M e, por isso, a construção no LM estaria num estágio ainda mais avançado de construcionalização.

É interessante também destacar o aumento das ordenações *a* e *b* no L.M. em relação ao L.C: esse resultado parece demonstrar que os elementos *adjetivo* e o item *mente* foram se aproximando cognitivamente e essa proximidade é refletida na estrutura linguística. O próximo passo, portanto, é a univerbação desses dois elementos na ordenação *Adj. mente*, que é a mais frequente em ambos os períodos (Bybee, 2003).

3.4. Frequência do Item

Analisamos a frequência de ocorrência de cada adjetivo que modifica o substantivo *mente* nos dados coletados, a fim de atender a

um dos objetivos deste trabalho: evidenciar o papel da frequência na mudança linguística, com base em Bybee (2003; 2010).¹² Vejamos a distribuição do número de ocorrências dos itens adjetivais mais frequentes na construção *Xmente*:

Tabela 4 – Número de ocorrências dos itens mais frequentes na construção *Xmente*

Adjetivos	L.C.	L.M	Total
Tota	13	10	23
Ea	2	11	13
Tácita	9	-	9
Pura	6	3	9
Memori	8	-	8
Devota	-	8	8
Sollicita	2	4	6
Divina	5	-	5
Fideli	-	5	5
Grata	-	5	5
Constanti	2	2	4
Sacrilegia	1	3	4
Furiata	4	-	4
Sana	1	3	4
Qua	3	-	3
Alta	-	3	3
Laeta	2	1	3
Profana	3	-	3
Profunda	-	3	3
Sagaci	1	2	3
Sincera	1	2	3
Tranquila	2	-	2
Uma	-	2	2
Mutata	-	2	2
Perversa	-	2	2
Obstinata	2	-	2
Quieta	2	-	2
Attonita	1	1	2
Dúbia	1	1	2
Consternata	-	2	2
Forti	-	2	2
Celeri	-	2	2
Recta	2	-	2
Compuncta	-	2	2
Prona	-	2	2

12. O *português arcaico* não entrou nesta análise, porque nessa fase o padrão *Xmente* já está estabelecido na língua.

O adjetivo *tota* (*toda*, *completa*, *total*) foi o mais frequente dentro da construção *adjetivo+mente* em ambos os períodos do latim. Dentre todos os 274 adjetivos diferentes encontrados modificando a palavra *mente*, *tota* ocorreu 23 vezes na amostra, sendo muito superior aos demais adjetivos. Outro adjetivo frequente na amostra foi *ea*, presente em 13 dados. Assim como *tota* (*total*; *completa*), o adjetivo *ea* apresenta uma semântica bastante descritiva, significando: *a própria, esta mesma*. Quando este adjetivo era utilizado, a intenção do falante era dizer que “sua própria mente concebia a ação verbal daquela maneira”. Exemplo:

(10) *Ea mente* comparasse (L.C.) ‘Com a *própria*/ com *esta mente* tivesse comparado.’

Os demais adjetivos são avaliativos e estão em acordo semântico com o substantivo *mente*. A construção neste momento, portanto, ainda é bastante composicional. Observando se há uma relação semântica entre esses outros adjetivos, recuperamos uma hipótese de Bybee (2010), segundo a qual “em um padrão construcional comum, itens semanticamente similares são agrupados em torno de um exemplar muito frequente” (2010: 81)¹³. Baseando-nos nesse raciocínio, vemos que adjetivos como *tacita* (*silenciosa*), *pura* (*pura*), *devota* (*devota*), *divina* (*divina*), *fideli* (*fiel*), *sollicita* (*solícita*, *aberta*) e *grata* (*agradecida*) poderiam pertencer a uma mesma rede semântica, como a da religiosidade, por exemplo. Dentre os adjetivos mencionados, *tacita* foi o mais frequente na amostra referente ao do L.C, e *devota* referente ao L.M. Por hipótese, podemos postular que outros adjetivos que possuíam valor semântico semelhante a estes foram atraídos para atuar na construção *adjetivo+mente*. Devido à grande frequência de uso dessa construção, outros adjetivos, com outros valores semânticos, puderam nela figurar.

No entanto, não parece ter sido nenhum dos adjetivos pertencentes ao domínio semântico religioso que serviu como *input* para a formação do padrão esquemático *Xmente*. Defendemos a hipótese, em consonância com Bybee (2010), de que o membro mais frequente de uma categoria é tido como o centro dela e outras construções surgem

13. “In a common distributional pattern semantically similar items are clustered around a highly frequent exemplar” (2010:81)

por analogia ao membro mais central. Como já vimos, o elemento mais frequente em ambas as sincronias, L.C. e L.M., foi o adjetivo *tota*, considerado, na análise deste trabalho, um adjetivo descritivo. E acreditamos, portanto, que foi ele, dentro do contexto da construção, que licenciou o surgimento de outras construções, a partir de um esquema construcional (abstrato) *Xmente*. Ainda segundo Bybee (2010), a alta frequência de uso em um determinado contexto faz com que essa estrutura linguística tenha uma forte representação na memória rica do falante e, por isso, tende a permanecer mais tempo na língua. Sempre que o mesmo contexto de uso é utilizado na língua, há um reforço cognitivo daquele padrão. Defendemos a hipótese, então, de que foi o contexto de uso *tota mente* que desempenhou este papel na língua.

4. Considerações finais

Postulamos, neste trabalho, que a formação adverbial *Xmente* de valor qualitativo é o resultado de mudanças de um contexto morfossintático que ocorria desde o latim clássico, em que o substantivo *mente* (ablativo de *mens*) era modificado por um adjetivo, constituindo um sintagma adjetival. Analisando este contexto em textos latinos, pudemos constatar que havia um acordo semântico entre esses dois elementos constituintes. Em termos construcionais, dizemos que havia composicionalidade na construção.

Baseando-nos em trabalhos de autores como Bassetto (2001) e Maurer Junior (1959), que reconstituem o latim vulgar a partir das línguas românicas, bem como em autores que retratam o fenômeno da mudança linguística, postulamos que foi no latim vulgar, na língua falada, berço da mudança, que houve o aumento da frequência de uso da estrutura *Adjetivo+mente*, propiciando: a) o fortalecimento desses elementos na memória do falante que por isso, segundo Bybee (2010), mantém-se por mais tempo na língua; b) o reforço da representação cognitiva desses dois elementos como um único bloco cognitivo; c) a nova análise (neoanálise, segundo Traugott, 2012) de uma das partes que constituem este contexto inicial, em que há extensão de uso, perda de conteúdo semântico e mudança categorial (*mente* (substantivo) > *-mente* (sufixo)); e, por fim, o surgimento de novas construções por analogia àquela mais frequente (*totamente*).

Devemos considerar o fato de que há diferentes níveis de esquematicidade nas construções, isto é, elas podem ser mais ou menos esquemáticas. No caso da construção *Xmente*, consideramo-la um caso intermediário, visto que tem uma posição a ser preenchida (X) e outra parte já preenchida pelo elemento *mente*. Partindo de uma construção nominal, formada pelo substantivo *mente* e um termo modificador, após sucessivas mudanças no plano da forma e do conteúdo, formou-se a construção *Xmente*. Inicialmente, X podia ser preenchido por um número menor de adjetivos e ao decorrer da história do português X pode ser preenchido por qualquer adjetivo.

Assim ao invés de mostrarmos a gramaticalização do elemento *mente*, de substantivo a sufixo, como em outros trabalhos que usaram o modelo da gramaticalização (como VLCEK, 2008), esta pesquisa focou a formação do novo pareamento forma e função, cuja forma é *Xmente*. As mudanças não acontecem somente com *-mente*, mas com o contexto adjetivo + *mente*, iniciando-se ainda no latim, através do número mais frequente dessa ordem e de outros fatores vistos. A mudança ocorre de modo holístico neste contexto e atinge a forma e o conteúdo de ambos os elementos da construção. Quando surge a nova construção *Xmente*, há um aumento do paradigma de advérbios e mais tarde ainda há uma nova expansão, porque surgem usos com valores temporais também (como *frequentemente*, *primeiramente*, *finalmente*, etc.). A rede de advérbios em *-mente* também se relaciona com outras redes de construções, como a rede de adjetivos adverbializados como *redondo* (como em “A cerveja que desce redondo” versus “A cerveja que desce redondamente”) e ainda com locuções formadas por preposição mais substantivo (como “Ele lê alemão com facilidade” X “Ele lê alemão facilmente”). Assim, a pesquisa está de acordo com a concepção da Linguística Centrada no Uso de que uma língua é uma rede de construções e de que há construcionalização quando surge um novo nó nesta rede.

Recebido em setembro de 2015

Aprovado em setembro de 2015

E-mails: julialangerc@hotmail.com

mmcezario@gmail.com

karensampaio@letras.ufrj.br

Referências bibliográficas

- BASSETTO, Bruno. 2000. *Elementos de Filologia Românica: História Interna das Línguas Românicas*. Vol. 2. São Paulo: USP.
- BARLOW, Michael e KEMMER, Suzanne (eds.). 2000. *Usage based models of language*. Stanfornd, California: CSLI Publications.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. 2010. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. 2006. *From usage to grammar: The mind's response to repetition*. Language, Washington, DC: Linguistic Society of America, v. 82, n. 4, p. 711-733.
- _____. 2003. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B., JANDA, R. (org.). *A handbook of historical linguistics*. Malden, MA: Blackweel Publishing,
- CAMPOS, J. L. De. 2013. *A Gramaticalização da Construção Xmente: Uma história do Latim ao Português*. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras.
- COSTA NUNES, Julia Oliveira. 2014. *Mente de Antigamente*. Rio de Janeiro: UFRJ, Tese de Doutorado.
- COUTINHO, Ismael de Lima. 1976. *Gramática histórica: linguística e filologia*. 7a ed. Rio de Janeiro: ao livro técnico S/A- Indústria e comércio.
- CROFT, W. 2001. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- ERNOUT, Alfred e THOMAS, François. 1993. *Syntaxe latine*. Paris: Klincksieck.
- FARIA, Ernesto. 1995. *Gramática da Língua Latina*. Revisão de Ruth Junqueira de Faria. 2ªed. rev. e aum. Brasília: FAE.
- GIVÓN, Talmy. 1995. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam e Philadelphia: J. Benjamins.
- GOLDBERG, A. E. 2006. *Construction at Work: The nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press.
- HIMMELMANN, Nikolaus P. 2004. Lexicalization and Grammaticalization: Opposite or orthogonal? In: Bisang, Himmelmann & Wiemer (ed.). *What makes grammaticalization? A look from its fringes and its components*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- HOPPER, Paul J. & TRAUOGOTT, Elizabeth-Closs. 2003. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HOUAISS, *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua portuguesa*. 2001. Versão eletrônica, 2.1.

- KARLSON, Keith E. 1981. *Syntax and Affixation: The evolution of MENTE in Latin and Romance*. Tübingen: Niemeyer.
- MALER, B. (ed.). 1956. *Orto do esposo*. Texto inédito do fim do século XIV ou começo do XV. Edição crítica com introdução, anotações e glossário. Rio de Janeiro: INL.
- MARTELOTTA, Mário E. 2011. *Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez.
- _____. 2006. “Ordenação dos advérbios qualitativos em *-mente* no português escrito no Brasil nos séculos XVIII e XIX”. In: *Gragoatá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFF*, vol. 21 – Usos linguísticos. Niterói: Eduff.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. 1989. *Estruturas Trecentistas: Elementos para uma Gramática do Português Arcaico*. Lisboa: Imprensa nacional-casa da moeda.
- MAURER JUNIOR, H. Th. 1959. *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- MORAES PINTO, Deise Cristina. 2008. *Gramaticalização e Ordenação nos Advérbios Qualitativos e Modalizadores em -mente*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ.
- NOËL, D. 2006. *Diachronic construction grammar vs. Grammaticalization theory*. Disponível em: <://http hub.hku.hk/handle/123456789/38694>. Acesso em: 10 jul. 2012.
- SAID ALLI, M. 1971. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 7ª ed, vol. 19. São Paulo: Melhoramentos.
- SALES, Suelen. 2004. *A semântica dos adjetivos no discurso publicitário*. In: *Inicia, coletânea de trabalhos da graduação em Letras da UFRJ*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ.
- SCHEIBMAN, J. 2001. *Local patterns of subjectivity in person and verb type in American English conversation*. In: BYBEE, J. e HOPPER, P. *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- TRAUGOTT, E.C. 2012. The status of onset contexts in analysis of micro-changes. In: KYTÖ, M. (ed.). *English Corpus Linguistics: Crossing Paths*. Amsterdam: Rodopi. p. 221-255.
- TRAUGOTT, E.C. & TROUSDALE, G. 2013. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press.
- VLCEK, Nathalie. Inédito. *A gramaticalização de advérbios em -mente/ment no português e no francês: uma análise histórica*. Rio de Janeiro: UFRJ.

Sites acessados:

Université Catholique de Louvain (UCL). <http://mercure.fltr.ucl.ac.be/>.
Último acesso em: 30/6/12.

The Latin Library. <http://www.thelatinlibrary.com/medieval.html>. Último
acesso em: 30/6/12.

Nova Vulgata: Bibliorum Sacrorum Editio. [http://www.vatican.va/archive/
bible/nova_vulgata/documents/nova-vulgata_index_lt.html](http://www.vatican.va/archive/bible/nova_vulgata/documents/nova-vulgata_index_lt.html). Último
acesso em: 15/5/12.